

APRESENTAÇÃO

Este número especial da Revista *Leitura* reúne artigos inéditos de integrantes do grupo de pesquisa *Literatura e Utopia*¹ e também de pesquisadores com quem temos dialogado, através de encontros, palestras, discussões.

Partindo da compreensão mais ampla de que a literatura tem sido uma das formas mais prolíficas de expressão da consciência utópica (principalmente, ao considerarmos que é *Utopia*, a obra humanista do inglês Thomas More, publicada em latim em 1516, que, ao mesmo tempo, cunha o termo e inaugura o subgênero das utopias literárias), os artigos contidos neste número abordam as convergências entre os campos discursivos da literatura e da utopia, sob um prisma que enfoca os aspectos formais dessa interface (ao tratarem de obras pertencentes à tradição utópico-literária), mas também vão além da percepção dirigida a esse gênero específico, ao vislumbrarem outras formas, funções e conteúdos utópicos, em variados gêneros textuais. A diversidade – tanto em termos dos recortes textuais observados nos artigos, quanto das abordagens de leitura – que caracteriza esta primeira produção conjunta do grupo é um indicador da riqueza de possibilidades advindas da interface entre esses dois campos e age como forma de resistência diante das crônicas do fim da utopia.

As construções culturais, em seu impulso utópico, têm sido o principal interesse de pesquisa de Tom Moylan, que apresenta reflexões sobre utopia e pós-modernidade, enveredando por cinco trilhas diferenciadas e igualmente interessantes: utopia na história (sobre transformações na escrita utópica ocorridas no decorrer dos séculos); utopia enquanto objeto de estudo; os termos do

¹ O grupo de pesquisa *Literatura e Utopia*, formado em junho de 2000 por professores pesquisadores e alunos de graduação (PIBIC), mestrado e doutorado das Universidades Federais de Alagoas e de Pernambuco, tem como objetivo central o estudo de várias tradições, mo(vi)mentos, gêneros e/ou textos literários, sob a perspectiva dos estudos da utopia, enfocando as interrelações entre literatura, cultura, sociedade e utopia.

relacionamento entre utopia e ideologia; utopia como estrutura de sentimento; o movimento dual da utopia entre negatividade e positividade; e as relações entre pós-modernidade, espacialidade e articulação utópica.

Numa perspectiva mais voltada ao contexto europeu de fins da Idade Média e do Renascimento, época de florescimento do gênero, estão situados os trabalhos de Luciana Calado, Ana Cláudia Romano Ribeiro e Hélivio Gomes Moraes Junior. Calado revisita a obra, geralmente negligenciada pela fortuna crítica existente em torno da tradição literária utópica, *La Cité des Dames*, de Christine de Pizan, reclamando um espaço para a referida autora e seu texto. “Desejar o impossível, fazer o impossível: tal foi o caminho perseguido por Christine de Pizan, na construção de uma obra e vida tão singulares, tão fora de lugar, tão utópicas”, afirma Calado, numa leitura inspirada pelo pensamento de Bloch. Ribeiro contribui com “Notas sobre natureza e artifício na *Ilha dos Hermafroditas*”, utopia francesa publicada em Paris em 1605. A autora enfoca a primeira parte da obra, em que o narrador conta a história de um viajante que chega a uma ilha desconhecida e descobre sua natureza exuberante, seu suntuoso palácio e seus habitantes, os hermafroditas. O foco direcionador dessa leitura está centrado na modificação da natureza pelo artifício, manifestado pela sofisticação excessiva das exterioridades e ilustrado pela tradução de alguns excertos. Mais centrado na influência dos filósofos gregos Aristóteles e Platão sobre os escritos utópicos do Renascimento italiano, o trabalho de Moraes Júnior apresenta análise minuciosa das marcas da leitura dos referidos filósofos na construção de *La Città Felice*, de Francesco Patrizi da Cherso.

O contexto histórico brasileiro do início do século XX serve de pano de fundo para as discussões das dimensões utópicas da cultura, nos artigos de Alfredo Cordiviola e Marta Emília Souza. “De abandono e redenção: a Amazônia nas páginas de Euclides da Cunha”, de Cordiviola, suscita uma reflexão sobre o caráter utópico da representação da amazônia pelo jornalista de *Os Sertões* em seus *Ensaio Amazônicos*, que datam da primeira década do século XX, e cujo discurso constrói, dessa região, uma utopia, “uma página que ainda está a escrever-se, que deve ser escrita, e que quando for escrita, virá para encerrar um ciclo, histórico ou quiçá cósmico.” “Utopia e suas relações com as poéticas de vanguarda”, de Marta Emília Souza, revisita as vanguardas européias que marcaram o cenário artístico no

início do século XX, apontando a dimensão utópica de seus projetos estético-sociais. A autora também lança o olhar sobre a produção artística da contemporaneidade, apontando o caráter vanguardista e renovadamente utopista dessa produção.

Dois ícones da narrativa brasileira do século XX têm obras revisitadas nos trabalhos de Renildo Ribeiro e Ondina Pena Pereira. Ribeiro observa o fazer artístico de Graciliano Ramos através da obra *Vidas Secas*, que tem como ponto de partida a realidade sócio-cultural do Nordeste brasileiro da década de 30, tão fortemente marcada pela falta e escassez. O autor, ancorado em estudiosos da utopia, como Ernst Bloch, Karl Mannheim, Vita Fortunati, Beatriz Berrini e Teixeira Coelho, analisa as manifestações e configurações da utopia presentes nessa obra. Aproximando-se da questão da falta a partir de uma outra percepção, “A filosofia trágica de Riobaldo”, de Pereira, toca aquela dimensão em que o utópico deixa de ser percebido em sua função vetorial para ser melhor compreendido, paradoxalmente, enquanto “plenitude na falta”. Sendo assim, é questionada uma leitura da obra de Guimarães Rosa centrada numa sintaxe mais convencional do desejo, para que seja enfatizado o júbilo que se presentifica no narrar trágico de *Grande Sertão: Veredas*.

Já a produção poética do século XX é discutida em leituras empreendidas a partir do entrecruzamento entre o pensamento utópico e o filosófico, por Milton Rosendo Nascimento Júnior e Susana Souto. O primeiro observa, em uma leitura inspirada pela filosofia heideggeriana em combinação com o pensamento utópico de Bloch e Mannheim, que no poema *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, “a morte se instaura não puramente como força entrópica e desagregadora da frágil estrutura da existência severina, mas como princípio deflagrador da consciência utópica.” Em “Entre o talvez e o se”, Souto aponta a dimensão utópica, oscilante “entre o talvez e o se”, de dois poemas de Carlos Drummond de Andrade, “Legado” e “Canto Órfico”, que revisitam o mito de Orfeu e instauram uma utopia, mesmo que às avessas, do fazer poético.

Ainda sobre o poético, mas recortando textos das nossas contemporaneidades, versam as contribuições de Gláucia Machado, Jair Toledo e Carlos Mascarenhas. Este último, em seu “Barrocas Utopias”, aponta convergências entre os olhares do barroco e o da utopia através de uma mirada sobre o literário como “uma via de reflexão historiográfica.” Além de comentar a trajetória histórico-

cultural da América Latina em suas feições utópicas e barrocas, ele lê os poemas “Pedro Álvares Cabral”, de Carlos Pena Filho, e “Cidade/City/Cité”, de Augusto de Campos, explicitando as formas pelas quais o barroco e o utópico ecoam na contemporaneidade. Toledo, por sua vez, propõe uma viagem “Da lama ao caos e do caos ao cérebro: uma aproximação deleuziana a Chico Science e Nação Zumbi” e sugere que, nesse percurso, sejam revisitadas noções dos vários locais cultura (do regional e do universal; do nacional e do transnacional). O rumo do trajeto é o do caos, recortado através de uma mirada na produção de Chico Science e de um vislumbre na obra de Glauber Rocha, ambos iluminados a partir da idéia deleuziana de um devir minoritário em suas potencialidades de interferência na cultura. Também unindo as dimensões poética, utópica e cultural, a reflexão de Machado aborda o papel da poesia como possibilidade de resistência à crise de percepção agravada em nossos dias e cunha o termo *Intensão*, entendido como a tensão entre a intenção e o acaso, a técnica e a circunstância em ação no fazer poético, ilustrando sua idéia com observações sobre alguns dos caminhos percorridos por poetas através de suas produções contemporâneas.

O viés mais específico da crítica feminista inspira a reflexão sobre o utópico no artigo de Lúcia de La Roque e também na minha contribuição. Fazendo convergir o olhar da pesquisadora da literatura com o da pesquisadora da ciência, De La Roque observa questões envolvendo a reprodução da espécie humana, mais especificamente no tocante à concepção e à maternação, conforme representadas nos romances utópicos de duas autoras norte-americanas: *Herland* (1915), de Charlotte Perkins Gilman, e *Woman on the Edge of Time* (1976), de Marge Piercy. Segundo De La Roque, Piercy “prevê uma biotecnologia reprodutora que dispensa totalmente o separatismo, de que Gilman foi pioneira” Já o meu artigo, “Feminismo, literatura e utopia: reflexões sobre uma fotografia”, aborda convergências entre os campos discursivos da teoria feminista, da literatura de autoria feminina e dos estudos da utopia. Após observar o impulso utópico presente em textos literários e teórico-feministas, é apresentada uma leitura do poema “Fotografia”, de Adélia Prado, a partir de uma consideração sobre o conceito de “outro lugar” (*elsewhere*), através da discussão de correntes teóricas feministas distintas.

Diferenciada das outras contribuições por sua marcante preocupação com questões didáticas, Angela Baraldi Pacheco parte de

suas experiências como professora de literatura para propor, conforme sugerido pelo título de seu artigo, “uma abordagem multicultural em aulas de literatura”. Ela investiga os princípios da corrente de pensamento denominada multiculturalismo e sugere uma prática docente que a leve em consideração. Como ilustração dessa possibilidade, são apresentadas leituras estratégicas e complementares das construções de utopias indígenas de *O Guarani*, de José de Alencar, e de um discurso do índio Marcos Terena.

As resenhas de Ari Denisson da Silva, Fernando Fiúza, José Sérgio A. de Moura & Renildo Ribeiro, Marcelo Ferreira Marques e Vinicius Meira, no final do volume, apresentam obras literárias e acadêmicas recentes e relevantes para pesquisadores interessados nos estudos da utopia.

Ildney Cavalcanti